O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

11.º ANNO — VOLUME XI — N.º 338

11 DE MAIO 1888

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

SUA MAGESTADE O REI OSCAR II DA SUECIA E NORWEGA

(Segundo uma photographia)

CHRONICA OCCIDENTAL

Depois da Sarah Bernhardt, o Coquelin.

Não se póde dizer com justiça que Lisboa tenha estado pouco divertida, mas o que se póde accrescentar com verdade, é, que se se tem divertido, bom dinheiro lhe tem custado.

A Sarah Bernhardt principalmente foi um golpe profundo nas finanças dos amadores de coisas de theatro, e diga-se em abono, não só das bolsas mas da critica portugueza, os lisboetas foram os unicos que, na viagem de Sarah Bernhardt pela peninsula, tiveram a coragem, o bom gosto e as meias corôas bastantes, para arrostar com os seus preços fabulosos.

Vejam lá o que fez Madrid e o que fez Barcelona?

E ainda assim ahi, o emprezario de Sarah Bernhardt, naturalmente para lisongear a nossa vaidade de ricassos, poz aos espectaculos da celebre actriz uns preços muito mais diminutos que os do theatro de D. Maria.

Apesar d'isso, porém, o publico hespanhol não esteve pelos autos, e o theatro esteve ás moscas nas noites das recitas da Sarah.

E tanto assim, que a grande actriz franceza teve de pôr-se a andar antes de acabar o seu tempo, tanto em Madrid como em Barcelona, e viu-se forçada pelo emprezario a deixar em meio as suas recitas para que elle não perdesse um dinheirão.

Ora eu comprehendo, porque já o esperava, o resultado d'esta segunda visita da Sarah Bernhardt a Madrid, e o que não comprehendo é como ella não o esperava e lá voltou outra vez.

Agora é que, segundo dizem os jornaes, percebeu que o publico hespanhol em geral não a entende muito bem, e que além d'isso não tem uma grande paixão pela sua maneira de representar, e resolveu não voltar lá mais.

Já da primeira vez que Sarah Bernhardt esteve em Madrid, o publico e a critica não foram d'uma grande amabilidade para com a grande actriz franceza. Muitas das suas creações mais gloriosas foram vivamente discutidas, e lembramo-nos ainda das censuras que alguns criticos lhe fizeram pela maneira como ella interpretava a Dona Sol do *Ernani*.

E lembramo-nos d'isto, porque dias depois de Sarah Bernhardt sahir de Madrid, chegavamos nós ali, e com alguns distinctissimos homens de lettras hespanhoes discutimos em muito bom cavaco esse caso.

Elles partiam do principio que a Dona Sol que Sarah Bernhardt fazia, nunca fôra uma hespanhola.

Eu não discutia isso; eu partia d'outro ponto, que me parece o verdadeiro e o justo; que a actriz n'esse papel era irreprehensivel desde o momento em que o auctor da peça, aquelle que concebera, creára e vira o personagem, approvára plenamente, achára magnifica a interpretação que a actriz lhe déra.

Ora Victor Hugo vira Sarah Bernhardt fazer o *Ernani*, ficára maravilhado com a sua execução, dera-lhe um beijo, que foi muito fallado nos jornaes de todo o mundo, e um brilhante que por quasi todo o mundo Sarah ostentou depois nos seus formosos e excepcionaes cabellos louros, como a sua mais gloriosa corôa artistica.

Desde o momento em que este facto se dera, em que Victor Hugo applaudindo e coroando com a sua approvação enthusiastica o trabalho artistico de Sarah Bernhardt, provava assim o ter ella realisado completamente a sua Dona Sol, todas as censuras que d'ahi por diante se fizessem á Dona Sol, recahiam sobre o personagem e não sobre a sua interprete, sobre Victor Hugo e não sobre Sarah Bernhardt.

Aquillo que a actriz fazia era exactamente o que o auctor pensára: o typo que ella reproduzia no palco era exactamente o que elle creára no seu cerebro: a actriz não tinha mais que fazer, realisára o fim supremo da arte de representar, dar vida na scena aos personagens creados pelos dramaturgos tão real e perfeitamente como elles os conceberam.

A Dona Sol de Sarah Bernhardt, era, na opinião do seu auctor, a Dona Sol perfeita e completa, tal e qual a pensára: evidentemente todos os defeitos que houvesse a notar não eram da artista, mas sim do personagem, visto que ella se identificára completamente com elle.

E lembramos-nos tambem, nós que então iamos enthusiasmadissimos de Lisboa com a Sarah Bernhardt, vibrantes ainda da commoção profunda que no theatro do Gymnasio ella nos produzira na *Dama das Camelias*, na *Frou-frou*, na *Esphinge* e na *Princeza Georges*, que não se pareceram nada com as impressões deixadas em Lisboa, as impressões deixadas em Madrid.

A declamação hespanhola é muito differente da declamação franceza, o gosto theatral hespanhol muito differente do gosto theatral francez e a prova mais frisante d'esta differença está no *successo* enorme que tem em Hespanha os dramas de Echegaray, onde ha evidentemente a affirmação d'um poderoso talento, mas que não sahiram da mesma orientação que determina o movimento theatral contemporaneo em França e em Portugal.

Muito longe nos levou a simples noticia do *insuccesso* das recitas da Sarah Bernhardt agora em Hespanha, *insuccesso* que além das causas apontadas, da escola dramatica hespanhola ser muito differente da escola franceza e da lingua franceza ser pouco cultivada em Hespanha, teve tambem um dos seus principaes motivos no augmento excessivo dos preços pelos espectaculos da illustre artista.

Ora esse *excessivo*, como já dissémos foi muito inferior ao preço por que Lisboa ouviu a Sarah no theatro de D. Maria.

E apezar dos excessivos preços, Lisboa foi ouvir a celebre actriz excepto, na *matinée* em beneficio das victimas do incendio do Baquet, n'essa celebre *matinée* em que na platea estiveram 8 pessoas e nos camarotes só tres tinham espectadores — e applaudiu-a com todo o enthusiasmo de quem gosta e de quem se diverte.

E notem que as 9 recitas da Sarah Benhardt vieram em cima das 8 recitas caras da Patti: e agora o Coquelin o magnifico actor, veio dar a Lisboa duas representações dos seus explendidos monologos, e essas duas representações apezar do augmento dos preços — um augmento muito razoavel, diga-se em abono da empreza do theatro de D. Maria — tiveram um bello exito, e casa cheia.

O que quer dizer isto?...

Não sei se quer dizer que Lisboa tem muito dinheiro, mas o que quer dizer positivamente é que tem muita vontade de se divertir, e o que é mais, que tem tido divertimentos, uma coisa que nem sempre acontece.

E agora já ha mais festas em horisontes proximos.

No dia 12, amanhã, o baile dos srs. condes de Burnay, um baile que deverá ser um deslumbramento, como todas as festas dadas pelos illustres condes.

No dia 13, chegada a Lisboa do rei Oscar da Suecia e portanto principio das festas com que Portugal tenciona celebrar a visita de tão augusto hospede.

Algumas d'essas festas podiam ser explendidas mas não me parece muito que vão por esse caminho.

Por exemplo, um dos festejos é: como não podia deixar de ser, como estava naturalmente indicado um fogo d'artificio no Tejo.

As tradicções brilhantes dos fogos da vinda do principe de Galles, do rei de Hespanha, e das festas do casamento do principe real impunham este numero ao programma dos festejos.

Mas, eis que de repente, dizem varios jornaes, e jornaes que devem estar bem informados que esse fogo no Tejo, não será no Tejo, mas simplesmente no Aterro, em frente do museu nacional, d'onde a familia real e o rei Oscar assistirão a esse espectaculo modesto d'umas bichas de rabiar e umas rodinhas queimadas n'um pateo qualquer, tendo por panno de fundo uma soberba vista — o panorama do Tejo — mas toda ás escuras, luctando em semsaboria com o aspecto de qualquer velha muralha negra.

Ora se isto assim é, se isto assim se faz, Lisboa gasta 15 contos de réis, que segundo se diz é emquanto importa o fogo, para fazer prova publica e evidente do mau gosto mais atrevido que tem germinado em cerebro humano.

Tendo ao seu dispor o magnifico Tejo com todo o seu soberbo panorama, deitar um fogo de vistas á beira d'esse Tejo não aproveitando nada esse panorama, deixando-o envolto nas trevas, como se embrulha n'uma cortina um lustre velho, é um disparate de ordem tal, que apezar de em questões de gosto artistico o disparate ser moeda corrente em Portugal, não queremos crêr que vá a effeito.

As outras festas em honra do rei Oscar, que se demora cinco dias entre nós serão, ao que se diz, uma recita de gala em S. Carlos, com concerto de musica classica; um jantar no paço da Ajuda, e uma parada.

Depois d'estas festas começam logo outras: a kermesse nos jardins dos srs. condes de Burnay, no seu magnifico palacio á Junqueira, kermesse em que venderão sortes as senhoras mais distinctas da nossa primeira sociedade tendo á sua frente sua alteza real a sr.ª duqueza de Bragança.

E depois ainda a inauguração da exposição agricola e industrial na Avenida, que promette ser um acontecimento importante da vida de Lisboa, e depois... depois... as villegiaturas do verão... a *temporada* das praias... e lá ao longe, nos ultimos dias de setembro ou primeiros de outubro as recitas da celebre Jeanne Granier, a musa da operetta moderna, no theatro da Trindade.

Eu não sei o que a Lisboa que se diverte póde querer mais...

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

OSCAR II REI DA SUECIA E DA NORWEGA

Em breves dias vae Lisboa receber a visita de Sua Magestade o Rei Oscar II da Suecia e da Norwega, que, em retribuição da visita que El-Rei D. Luiz lhe fez em setembro do anno de 1886, vem agora a Portugal abraçar o rei portuguez, com quem entretem as mais affectuosas relações de amisade.

O monarcha da Suecia deve chegar a Lisboa no dia 13 do corrente, demorando-se apenas na nossa capital até ao dia 17, seguindo d'aqui para Hespanha.

Preparam-se varios festejos em sua honra, e entre elles um explendido fogo de vistas vindo de Inglaterra e que deverá ser queimado no Tejo, em a noite de 16 do corrente.

O rei Oscar II é um monarcha liberal, que preside aos destinos do seu paiz desde 1872. Filho de Oscar I e neto do grande capitão Bernardotte, primeiro principe reinante da Suecia e um dos mais valentes officiaes de Napoleão I, nasceu em 21 de janeiro de 1829 e subiu ao throno por morte de seu irmão Carlos XV.

A sua acclamação solemne realisou-se em 18 de julho de 1874, tendo as despezas feitas com essa solemnidade levantado grandes debates no parlamento sueco.

Casou em 6 de junho de 1857 com a princeza Sophia Guilhermina Marianna Henriqueta, filha do Duque de Nassau, já fallecido. D'este casamento nasceram, em 1858, o principe Gustavo, herdeiro presumptivo do throno da Suecia e que casou em 1881 com a gran-duqueza de Bade, Sophia Victoria, de quem tem já dois filhos; em 1859 o principe Oscar, em 1861, o principe Carlos, e em 1863 o principe Eugenio.

Oscar II cursou a universidade de Upsal, onde teve por mestre o notavel historiador sueco Carlson, e alli principiou a manifestar a sua paixão pelas letras e pelas artes, que hoje cultiva com muita distincção.

Além da pintura, em que emprega algumas horas que lhe ficam livres dos negocios do estado, a litteratura não lhe merece menor predilecção, e são prova d'isto os seus conhecidos trabalhos litterarios, em que se conta uma traducção do *Cid* de Herder, do *Tasso* e do *Fausto* de Goethe, um livro original de poesias e uma monographia de Carlos XII, tendo estas duas ultimas obras sido traduzidas em allemão.

As suas traducções de Goethe deram entrada ao rei da Suecia, na Academia das Sciencias de Berlim. A Academia das Sciencias de Lisboa tambem o conta entre o numero dos seus socios correspondentes.

O rei Oscar II passou parte da sua mocidade embalado pelas ondas do Oceano, pois antes de subir ao throno, destinara-se á marinha de guerra do seu paiz, tendo feito varias viagens e tomando parte em expedições importantes, subindo postos desde o de guarda marinha até ao de commandante de esquadra.

A biographia do rei Oscar II tem muitos pontos de contacto com a biographia de El-Rei D. Luiz I, a principiar pela vida de marinha que tanta affeição mereceu ao monarcha portuguez, até ao seu amor ás letras que El-Rei D. Luiz tambem cultiva com grande talento.

O rei Oscar tem sido um reformador do seu paiz, que tem presidido a todos os progressos n'elle realisados.

O exercito foi o que primeiro chamou a sua attenção assim que subiu ao poder, reorganisando-o segundo as mais modernas exigencias da arte militar; a instrucção publica tambem lhe tem merecido a sua attenção, promovendo-lhe o desenvolvimento e perfeição; os melhoramentos materiaes tem-se succedido durante o seu reinado, com grande vantagem para a riqueza publica pelas communicações rapidas dentro do paiz por meio de caminhos de ferro, navegação e commercio, em que tambem se conta a adopção do systema metrico etc.

Estes melhoramentos são tambem os que se teem realisado no nosso paiz n'estes ultimos trinta annos, dos quaes se contam vinte e seis no reinado de El-Rei D. Luiz I.

A recepção festiva que se vae fazer ao rei da Suecia é por todos os motivos merecida, por que além de ser ao chefe do estado de uma nação amiga, essas festas são a justa correspondencia ás demonstrações de sympathia e regosijo com que o monarcha portuguez foi recebido na Suecia quando visitou o rei Oscar II.

O regio hospede occupará os pavimentos superiores do palacio da Ajuda, e terá ao seu serviço como camarista o sr. conde de Ficalho, ajudante de campo o sr. D. Francisco de Almeida, e official ás ordens o sr. Fernando de Serpa.

Publicando hoje o retrato do rei da Suecia prestamos a nossa humilde homenagem a tão esclarecido principe, e registamos um dos factos mais notaveis para a historia contemporanea de Portugal.

CYPRIANO JARDIM

Não vão passados muitos dias que o digno major de artilheria, sr. Cypriano Leite Pereira Jardim, realisou no theatro de S. Carlos, com a assistencia de um escolhido auditorio, uma conferencia sobre a direcção dos balões, questão que o distincto official tem estudado com vantagem, pois conseguiu inventar um novo balão dirigivel, superior aos inventados em França, e do qual apresentou um modelo que fez manobrar, em presença dos espectadores com o mais feliz resultado.

Esta conferencia teve logar em a noite de 23 do mez passado, e já antes d'ella o sr. Jardim tinha apresentado, em Paris, o seu invento, realisando varias experiencias e uma conferencia na Sorbonne para o que dirigiu 2000 convites á imprensa de Paris e aos correspondentes dos jornaes estrangeiros, reunindo um auditorio numeroso, no grande amphitheatro da Universidade de Paris, auditorio escolhido e interessado no assumpto, que tem sido objecto dos mais profundos estudos, em todas as epocas e muito especialmente ha annos a esta parte.

Os applausos que a sua conferencia mereceu em Paris, repetiram-se na conferencia de Lisboa, e aquelles applausos dispensados a um invento portuguez, na capital da França, que tem assistido modernamente a tantas experiencias de areostatos dirigiveis, são a prova mais eloquente do valor do invento do sr. Jardim, que só é pena que o fosse revellar primeiro em França antes de o ter feito bem publico em Portugal, onde apenas o apresentára a Academia das Sciencias, de que é socio, a qual o tomou na devida consideração.

A importancia scientifica d'este invento vae tratada em artigo especial publicado em outro logar do nosso periodico. N'esse artigo se avalia bem á luz da sciencia as vantagens que o balão do sr. Jardim offerece sobre os balões dirigiveis até hoje conhecidos.

Aqui limitar-nos-hemos a apresentar o inventor dando algumas notas da sua biographia, que podémos obter.

* * *

Quando um portuguez no estrangeiro honra a sua patria d'esta maneira, honrando a sciencia e o progresso do seu paiz, tão pequeno em territorio quanto grande em suas obras, contrahimos para com esse benemerito compatriota uma divida de gratidão, que devemos procurar satisfazer por todos os modos que tornem bem publico o nosso reconhecimento.

É por isso que hoje, nas paginas do OCCIDENTE contribuimos com uma pequena parcella d'essa divida, publicando o retrato do major Cypriano Jardim, e archivando algumas notas da sua biographia, que ainda que outras não tivesse, lhe bastaria o facto que n'este momento chama sobre elle as attencções do publico para que a sua existencia seja uma gloria nacional.

Cypriano Leite Pereira Jardim é um dos mais distinctos officiaes do exercito portuguez, distincto pela sua grande illustração, pelo seu talento e pela sua actividade, actividade que n'estes paizes meridionaes é muito para notar.

Nasceu em Coimbra em 1842, filho do visconde de Monte-São, dr. Manuel dos Santos Pereira Jardim e D. Guilhermina Leite Pereira Jardim, da illustre familia Leite Ribeiro Pereira de Monte-São.

O visconde de Monte-São foi um dos mais notaveis lentes cathedraticos da Universidade pelo seu saber, pela sua capacidade scientifica; seu filho Cypriano não desmereceu dos dotes de seu pae, pois foi um estudante laureado, quer no curso geral de artilheria, quer na faculdade de mathematica da Universidade de Coimbra, onde adquiriu o grau de bacharel.

Sentou praça aos dezenove annos de idade, a 19 de julho de 1861 e tendo sudido os postos, que por escala lhe pertenceram, é hoje major de artilheria, posto a que foi promovido em 1886.

A actividade do seu espirito não se limitou, porém, ás preocupações da vida militar, expandio-se em outras manifestações do seu talento, e por isso o encontramos na imprensa e no theatro, ora collaborando nos jornaes, ora escrevendo para a scena.

Como jornalista foi levado ao parlamento, eleito deputado ás côrtes, em duas legislaturas; como dramaturgo, tem produzido, entre outras peças, o drama *Camões* que subiu á scena no theatro de D. Maria II por occasião do tricentenario do immortal poeta.

Mas nem a politica nem o theatro absorveram por completo o official scientifico, e a prova d'isto acaba de a dar com o valioso invento do seu balão dirigivel, com a solução de um problema que tem preocupado tantos cerebros por esse mundo que pensa, que estuda, que trabalha, para a perfeitabilidade das cousas humanas, para a posse de tantos segredos da natureza, do mundo em que vivemos e de que é mister conhecer todas as suas forças, todos os elementos que possam aproveitar a humanidade e mitigar-lhe a sua curiosidade insaciavel.

Hoje entre o numero d'esses incansaveis obreiros conta-se mais um nome, o nome de um portuguez, que vae juntar-se á grande lista de tantos outros nomes portuguezes benemeritos da humanidade, pelos serviços prestados á civilisação e ás sciencias, desde os que, em seculos que lá vão, abriram o caminho do Oriente, até aos que hoje marcham na vanguarda do progresso; esse nome é o de Cypriano Jardim.

Em setembro do anno passado foi o sr. Cypriano Jardim encarregado pelo ministerio da guerra, da acquisição, em Paris, de um parque de aerostação militar para o exercito portuguez.

A esse tempo realisavam-se em Paris as grandes manobras militares do outono, ás quaes o distincto official portuguez assistiu.

Foi na presença do general Vaillant, chefe do estado maior francez, de varios officiaes ajudantes, do coronel chefe da repartição technica da aerostação militar, do capitão Renard, irmão do director da Escola de Aerostação de Meudon, do sr. Trouvé, constructor de machinas electricas, do sr. Lachambre constructor do balão Jardim, etc., que este official realisou experiencias com o seu balão.

As experiencias succederam-se sempre com o melhor resultado, como já dissemos, e o sr. Cypriano Jardim justamente elogiado pelos officiaes francezes que assistiram ás suas experiencias, incluindo o ministro de Inglaterra, em presença do qual se realisou uma d'ellas.

O sr. Cypriano Jardim alcançava um triumpho com o seu invento, n'um paiz que tem gasto milhões de francos, em estudos e experiencias para conseguir a direcção dos balões, sem que tenha ainda obtido a ultima palavra sobre o assumpto.

Que o illustre official portuguez possa levar a resultados praticos o seu invento é o que todos devemos dezejar, para gloria de Portugal.

AS EXEQUIAS PELAS VICTIMAS DO BAQUET

Foram de uma grande solemnidade as exequias mandadas celebrar na egreja da Lapa, por alma das victimas do incendio do theatro Baquet, pela municipalidade portuense.

A decoração do templo, devida ao armador o sr. Antonio Patricio, era pomposa como o testimunha a nossa gravura.

A familia real fez-se representar n'essa ceremonia: el-rei, pelo sr. duque de Palmella; a rainha, pelo sr. visconde da Asseca; o principe real D. Carlos pelo sr. major Duval Telles; a princeza D. Amelia, pelo sr. conde de Sabugosa; o infante D. Affonso, pelo sr. capitão Benjamim Pinto; e o infante D. Augusto, pelo sr. capitão Malaquias de Lemos.

O governo foi representado pelo sr. ministro da justiça.

Estiveram além d'isso presentes os pares e deputados pelo Porto.

Na enorme concorrencia que enchia o vasto templo, viam-se o sr. cardeal D. Americo, camara municipal, todas as authoridades civis, militares e judiciaes, corpo consular, associação commercial, imprensa, corporações scientificas, litterarias e de recreio, associações de soccorros, as familias das victimas, etc.

A oração funebre foi recitada pelo padre Francisco Patricio, que fez um discurso pathetico e commovente.

A grande orchestra, dirigida por Cyriaco de Cardoso, executou a missa de Cherubini e o «Libera-me» de Francisco Eduardo.

No catafalco foram depostas varias corôas, entre ellas uma do *Paiz*, do Rio de Janeiro.

No fim da ceremonia algumas d'essas corôas foram depositadas no tumulo das victimas, em Agramonte.

A luctuosa commemoração foi um reflexo vivissimo da grande magua que pesará ainda por muito tempo sobre a população portuense, pelo immenso desastre que a sensibilisou.

A gravura que publicamos é reproducção de uma excellente photographia do primoroso amador o sr. José Antonio Ferreira.

MONUMENTO NA PRAIA DE VILLA DO CONDE

O singelo monumento, que a nossa gravura, cópia de uma excellente photographia do sr. Claro Outeiro, apreciavel photographo amador, reproduz, commemora o desembarque das tropas liberaes, na praia de Villa do Conde, que chegaram aquelle porto, na esquadra a 8 de julho de 1832.

É, portanto, um monumento da liberdade, e dos que primeiro se ergueram para perpetuar a memoria dos prodigios de audacia e de valor, com que nossos paes conquistaram para a patria as leis liberaes que hoje nos regem.

Foi na praia de Villa do Conde que Bernardo de Sá Nogueira, depois marquez de Sá da Bandeira, desembarcou por ordem de D. Pedro IV, a parlamentar com o brigadeiro José Cardoso, commandante das forças realistas, que acampavam proximo d'aquella praia.

A idéa de Sá Nogueira era convencer o brigadeiro a que se unisse á causa dos liberaes, mas a sua proposta foi repellida. Entretanto as tropas liberaes desembarcaram sem opposição porque Cardoso recebeu ordens superiores para marchar para o Porto, deixando, em vista d'essas ordens, o seu acampamento, em Villa do Conde e o desembarque livre.

O monumento, como se vê pela gravura, é uma pyramide assente sobre um pedestal de quatro faces, e mede $5^m,50$ de altura desde a base até á cuspide. É de granito e na extremidade superior tinha uma corôa real, tambem de granito, que uma faisca electrica derrubou ha tempos.

Este obelisco é egual a um outro que com elle estava collocado á entrada da avenida da grande ponte de pedra, sobre o Ave, mandada construir por D. Francisco d'Almada, e que desabou no dia 11 de janeiro de 1821.

Foi Antonio José d'Avila, depois duque d'Avila e de Bolama, que sendo governador civil do Porto, mandou collocar no logar em que hoje se acha, aquelle obelisco, para commemorar o desembarque das tropas liberaes n'aquella praia.

O BALÃO DIRIGIVEL JARDIM

Damos hoje a gravura do balão portuguez dirigivel, inventado pelo nosso compatriota, o major de artilheria Cypriano Jardim, para que em mais uma publicação nacional fique bem assi-

gnalada a descoberta, é prevenida a usurpação estrangeira, tão repetida em tudo o que temos apresentado de novo no progresso, sempre crescente, das industrias e das sciencias.

Cypriano Jardim inventou; é isto um facto indiscutivel para todos os que estão ao par de tudo quanto, até hoje, se tem feito de novo na sciencia da aerostação. Assignalemos, portanto, o facto, para que amanhã possamos, todos os que escrevemos para o publico, reivindicar energicamente a gloria de que outros nos queiram defraudar.

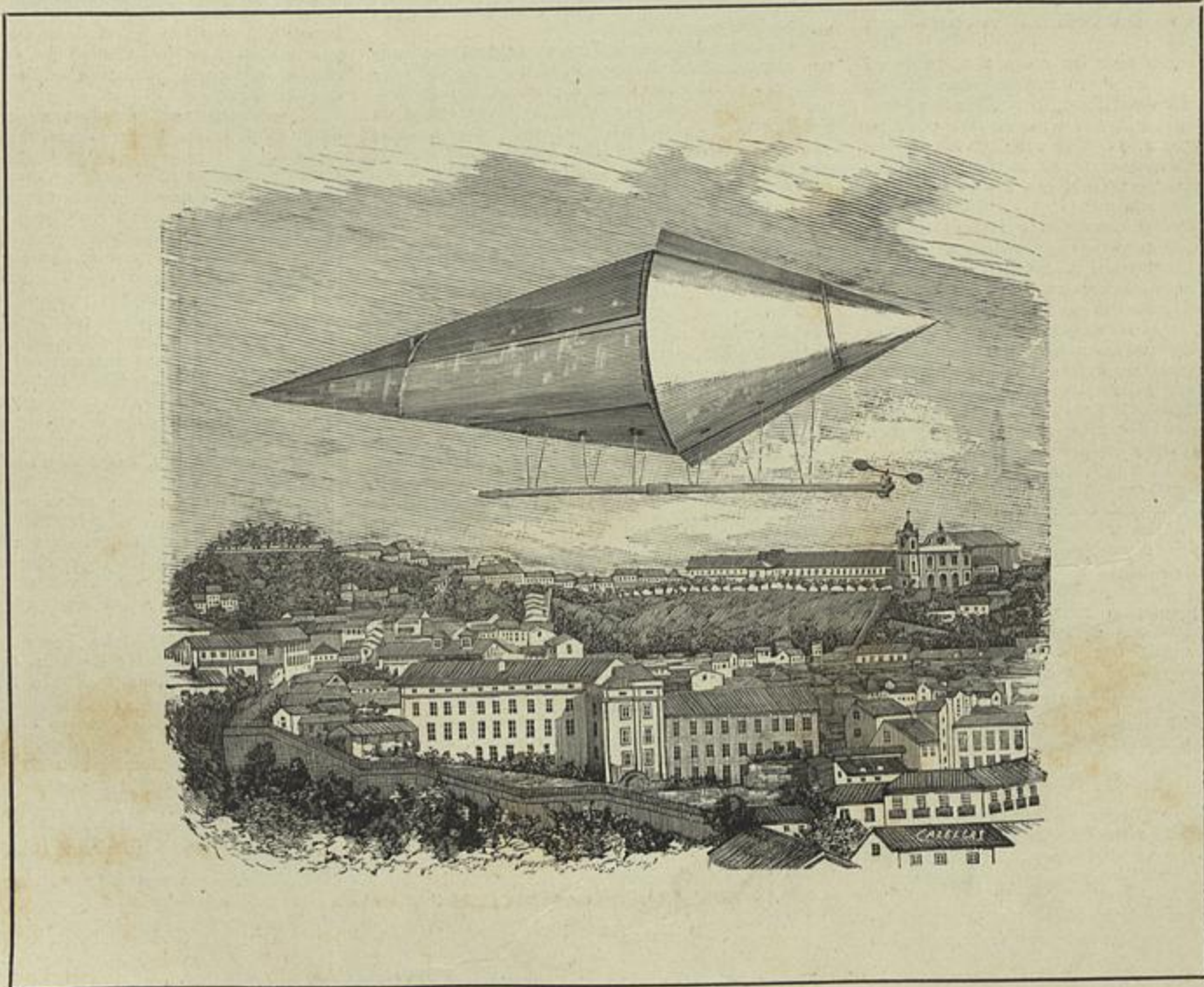
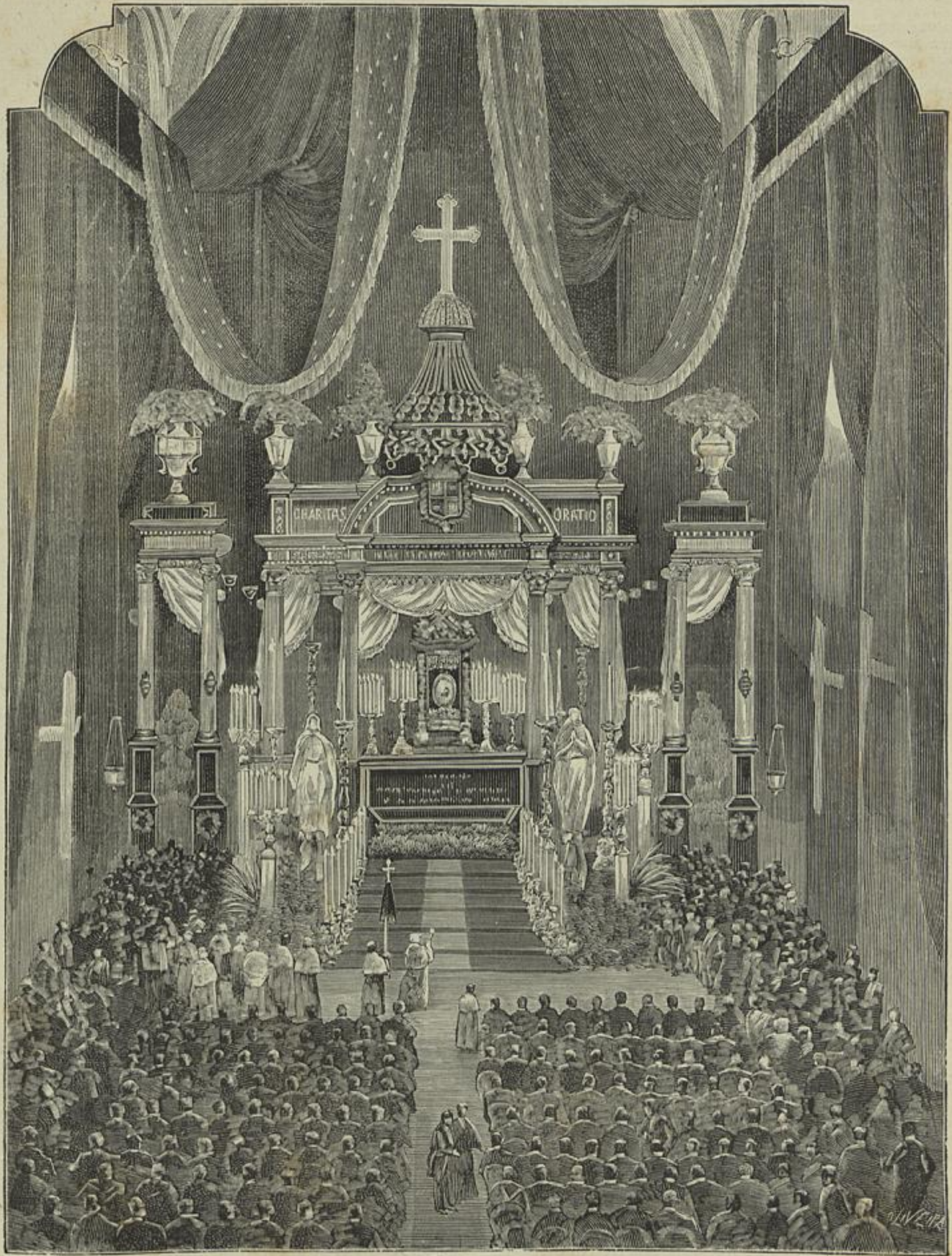
E, pois que dizemos isto, tambem affirmamos desde já que não estamos bem convencidos de que Cypriano Jardim fizesse bem em expôr, perante estrangeiros as theorias que são as bases da sua invenção. Quem sabe se a estas horas não se trabalha já, em França, para pôr em pratica o seu systema, que amanhã póde apparecer em todo o mundo, como sendo francez, e só nascido d'um cerebro francez, como o globo que hoje se attribue a Montgolfier, em detrimento do padre portuguez Bartholomeu Lourenço de Gusmão?

CYPRIANO JARDIM

(Segundo uma photographia de Lachambre)

Em 1709 elevava-se deante da côrte, no antigo Terreiro do Paço, o globo do padre portuguez; em 1783, isto é, 74 annos depois, José Montgolfier fazia subir em Annonay, pequena cidade franceza, um globo cheio d'ar aquecido! Mas n'esse tempo quasi não havia imprensa em Portugal, que podesse espalhar a nova, e fazer a publicidade bastante para atravessar o continente, e contar ao resto da Europa a invenção d'um filho d'este pequeno paiz.

Assim, depois d'isto, respondeu-se ás queixas apresentadas, que: não se sabendo nada lá fóra, certo ficava que os dois tiveram a mesma idéa, e por isso nada impedia que Montgolfier fosse, para todo sempre, o verdadeiro inventor dos balões!

Hoje não succederá assim, porque é preciso que não succeda. Para isso é necessario não perder tempo. Cypriano Jardim fez a sua conferencia, bem publica, deante de todos que o quizeram ouvir; o inventor não póde fazer mais; resta ao paiz, resta ao go-

O BALÃO DIRIGIVEL JARDIM

EXEQUIAS CELEBRADAS NA EGREJA DA LAPA, NO PORTO, POR ALMA DAS VICTIMAS DO INCENDIO DO THEATRO BAQUET

21 DE ABRIL DE 1888.—(Desenho de J. R. Christino, segundo photographia do photographo amador sr. José Antonio Ferreira).

verno da nação fazer o resto. Todos ouviram, e todos applaudiram a theoria e a pratica do invento, dentro do recinto d'um theatro. D'ali argumenta-se para o espaço; é preciso que um grande aerostato se eleve, e realise, no ar, o que um pequeno aerostato realisou n'uma sala. Porque não se começou ainda a construir esse aerostato? Espera-se por algum novo Montgolfier? Tenhamos a esperança de que não; e certos que as nossas perguntas vão ter rapida resposta, digamos como tem proseguido os trabalhos do nosso compatriota, para o conseguimento d'um resultado que hoje faz a sua gloria, e o nosso orgulho.

*
* *

Amadurecendo e affirmando por fim as suas theorias, Cypriano Jardim não perdeu a cabeça com os seus enthusiasmos de inventor, e entendeu que devia recorrer a quem de direito, para alcançar um *veredictum* que lhe désse a convicção da verdade, e a coragem da apresentação do seu principio, perante qualquer publico illustrado que, por ventura, quizesse analysar o seu trabalho.

Apresentou, portanto, a sua memoria á Academia Real das Sciencias de Lisboa, e a Academia Real das Sciencias approvou, por unanimidade de votos, o parecer do illustre socio encarregado de julgar da memoria apresentada.

O parecer foi dado pelo sr. Motta Pegado, professor na Escola Polytechnica.

Armado com tal documento, Cypriano Jardim annunciou, mezes depois, ás corporações scientificas de Paris, uma conferencia publica, na qual elle se propunha demonstrar como o seu systema de aerostato dirigivel, era superior a tudo quanto se havia apresentado até então.

É facil calcular o effeito produzido pelo convite. No grande amphitheatro da Sorbonne, a grande Universidade de Paris, achavam-se reunidos, á hora precisa, muitos dos membros das escolas superiores, estabelecidas na margem esquerda do Sena, anciosos por ouvirem a demonstração dos principios annunciados no convite.

O nosso campatriota, no correr do seu discurso, apresentou-se com a maior modestia, e começou por pedir toda a indulgencia que uma grande nação, como a França, deve sempre dispensar a um extrangeiro que lhe submette um trabalho.

E, começando na sua exposição, Cypriano Jardim expôz, primeiro que tudo, os principios da sua these, não deixando nos animos dos ouvintes, a menor duvida sobre o que ia apresentar.

Explicando que, no estudo que fizera sobre a aerostação, tivera sempre deante dos olhos tudo o que fizera o major Renard, considerado em França, como aquelle que até hoje dissera a ultima palavra sobre a navegação aerea, Cypriano Jardim declarou que tudo o que fez, tudo o que apresentava era filho da comparação dos seus processos com os prócessos Renard, e do que tal estudo lhe suggerio para o progresso da sciencia de que se occupa.

E, estabelecendo todas as condições necessarias para o movimento de um balão no espaço, o nosso official apresenta cathegoricamente, cruamente, as seguintes claras interrogações:

1.º — A fórma do balão Renard, julgada até hoje a verdadeira, é, realmente, a melhor?

2.º — Haverá machina que, para um balão da mesma capacidade, seja mais energica do que a machina Renard?

3.º — A fórma do helice Renard, copiada da de Gifard, de Puy de Lome e de Tissandier, será a melhor fórma a dar a um helice encarregado de fazer avançar um balão no espaço?

E, como conclusão:

Poder-se-ha, alterando todas as partes constitutivas do aerostato Renard, alcançar uma velocidade de translação superior á velocidade de 23 kilometros por hora, alcançada pelo official francez?

Postos estes principios, Cypriano Jardim começou por provar, com o phenomeno fisico produzido sempre pelo deslocamento de um corpo no espaço, como o seu balão de fórma nova, soffrendo menor atritto das camadas atmosfericas, podia ainda conseguir, no seu movimento, que o proprio ar ambiente lhe auxiliasse a carreira, debaixo de certas condições.

Todo o mundo conhece este phenomeno: um corpo caminhando no espaço com uma certa velocidade, produz atraz de si um desiquilibrio depressão, uma especie de vacuo, que é immediatamente occupado pelo ar ambiente. Isto vê-se na marcha d'um comboyo, quando, na sua passagem, todos os arbustos das bordas da estrada se inclinam para a ultima carruagem que passa. Vê-se na experiencia simples de fisica, que serve para o demonstrar. Um disco de papel posto sobre uma moeda de cobre ou de prata, acompanha-a na sua queda, e os dois corpos, tendo densidades differentes, chegam é terra perfeitamente unidos, e, portanto, no mesmo tempo. É que o ar ambiente, enchendo o vazio produzido pelo movimento da moeda, impelle, colla, por assim dizer, contra a sua face posterior, o disco de papel, o qual se póde tambem considerar como descendo sem resistencia do ar, o que dá o mesmo resultado. O balão Jardim, munido de um rebordo, ou ressalto, na sua parte anterior, a um terço do seu comprimento produz, avançando, o vazio bastante, para que o ar ambiente que o vem encher, bata contra a face do ressalto, ajudando o balão na sua marcha, ou, o que é o mesmo, augmentando-lhe a velocidade, com o mesmo exforço da machina.

Postas pois as mesmas condições de secção, de resistencia, de capacidade, e portanto de força da machina propulsora, o balão Jardim fará o caminho do de Renard em menos tempo, isto é: terá maior velocidade.

Isto emquanto á fórma.

Na questão da machina motriz, accentuam-se mais as vantagens, e sóbe de ponto o interesse, pelos horizontes novos que se nos descobrem, ao estudarmos o valor da invenção do nosso compatriota.

Até hoje não se conhecia meio de fazer subir um balão na atmosfera, que não fosse o de lançar fóra da barquinha uma porção de lastro, a fim de que o pezo levantado diminuisse. Nem se conhecia meio de descer, que não fosse o de augmentar esse pezo, pela diminuição do gaz interior, de que se deixava escapar pela valvula a porção conveniente.

Portanto, para subir lançava-se lastro, e para descer deixava-se sahir gaz.

Em qualquer dos casos se perdia um dos principios vitaes do systema, e a perda era irremediavel, porque, lançada a ultima porção de lastro, o balão descia irremediavelmente, e a viagem estava acabada, porque elle não podia mais subir.

Cypriano Jardim deu á sua machina motriz todos os movimentos possiveis no plano vertical e horisontal, por fórma que o mesmo helice, tomando todas as posições desejadas, faz avançar, voltar á direita, á esquerda, subir, ou descer o seu aerostato.

Combinando mesmo os movimentos lateraes, com os verticaes, pode o systema ainda descrever no espaço curvas imprevistas, taes como zig-zags, espiraes, etc., que tornam perfeitamente impossivel a pontaria das bocas de fogo inimigas, quando o seu balão seja applicado aos usos da guerra.

De facto: a sciencia balistica, em todos os calculos de pontaria feita a alvos moveis, como navios, ou tropas em marcha, não teve ainda necessidade, (nem crêmos que o possa fazer) de calcular a trajetoria de um projectil que deva ferir, n'um dado momento, um corpo que de subito sobe, desce, muda de superficie voltando-se, etc, como pode fazer a cada instante o balão Jardim, pelos rapidos movimentos que as variadas posições do helice lhe possam imprimir.

Isto pelo que respeita aos movimentos da machina.

Pelo que respeita á sua força, e portanto velocidade do systema, apresenta o inventor os dados irrefutaveis seguintes:

O major Renard, em memoria apresentada á Academia das Sciencias de Paris, dá á sua machina propulsiva, e pilha correspondente, os seguintes pesos:

	kilos
Machina electro-dynamica............	98
Pilha, *apparelhos e instrumentos*......	435,500
Somma	533,500

Calculando que os apparelhos, e instrumentos, que nada têem com a força, pezam 83,500 kilos, teremos que a machina e pilha Renard pesam 450 kilos. Portanto a machina do balão Jardim, tendo 450 kilos, dará ao seu balão a velocidade do balão Renard, augmentada da velocidade devida á sua forma nova.

Mas como a machina Jardim, pelos seus movimentos, pode fazer voltar o seu balão á direita ou á esquerda sem auxilio de leme, por isso que é collocada na prôa da barquinha, e portanto puxa o balão, no sentido desejado: como, por outro lado, a mesma machina faz subir o aerostato, sem que seja preciso deitar fóra lastro, nem inclinar os planos que Renard colloca na sua barquinha, temos que o peso do leme

egual a..............................	46 kilos
o do lastro..........................	214 »
e o dos planos.......................	120 »
Somma	380 »

póde ser applicado á machina e pilha do balão Jardim, dando-lhe força productora d'uma velocidade mais do que dupla da do balão Renard, senão fosse a resistencia do meio que cresce, como se sabe segundo o quadrado da velocidade.

Nas officinas de Quai de Grenelle, em Paris, observou-se ultimamente que as forças de dois motores electricos, systema Gramme, com pesos duplo um do outro, nos magnetes, eram na proporção de 1, 5 para 4, 28 cavallos de vapor, isto é: a segunda, com o duplo do pezo, tinha 2,80 ou quasi o triplo da força da primeira. D'aqui se pode concluir, apezar de não se conhecer ainda lei de relação entre força e pezo nos dinamos, que a machina Jardim tendo 450+380=830 kilos terá mais do duplo da força da machina Renard que tinha 450 kilos.

Mas terá ainda mais força do que a dupla; os planos e o leme de Renard, quando fossem manobrados para fazer subir ou voltar o seu balão, produziam necessariamente resistencia á marcha, que se traduzia em perda da força, ou do rendimento da sua machina.

Assim os 23,400 kilometros de velocidade por hora, mencionados pelo official francez no seu relatorio, deveriam de ser abatidos de $\frac{1}{10}$, $\frac{1}{8}$... $\frac{1}{5}$ ou $\frac{1}{4}$, etc., conforme a inclinação que fosse preciso dar aos planos ou ao leme, segundo as necessidades da direcção a seguir.

Essas resistencias desapparecem no balão Jardim, visto que a sua machina dispensa planos e leme; assim a sua machina conservará sempre a sua força quasi total, que, pelo que atraz dissemos, será *sempre superior ao duplo da força da machina Renard* para a mesma capacidade de aerostato, *tornando a viagem indefenida*, visto que pode, sempre que queira, trazer o systema á terra, para fazer provisão, que apenas respeitará á pilha, ou accumuladores de que se sirva.

Assim uma viagem no balão Jardim, será feita nas condições d'uma viagem em caminho de ferro; o aerostato descerá a tomar uma pilha nova, egual á que deixa, como um comboio pára a fim de tomar agua, e proseguir no seu caminho.

E aqui devemos mencionar como das mais importantes, a vantagem da descida, com velocidade *á vontade do aeronauta;* é uma questão de intensidade de corrente electrica, que elle tem na sua mão tornar mais forte ou mais fraca.

Assim o aeronauta, no balão portuguez, virá *pousar* na terra, em quanto nos balões precedentes todo o systema se precipitava do espaço segundo as leis da queda dos graves. O mais que se podia fazer, até hoje, era guardar um resto de lastro, que se lançava todo, á pressa, quando o balão se approximava do terreno.

Não será isto uma vantagem importante? Não se evitará assim o terrivel choque contra o solo, que tantas victimas tem feito, e tantos receios causa sempre a todos os que pensam em se aventurar no espaço?

Como o balão póde descer, obrigado pelo seu helice, viram-n'o todos em S. Carlos; não precisamos pois de insistir sobre o assumpto, e encurtamos a descripção que já vae longa para as dimensões da nossa publicação.

(Continua) *P. C. F.*

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

I

As transformações enormes que tem soffrido Lisboa, atiraram de pernas para o ar com o theatro onde se passaram as primeiras scenas do pungente drama intimo, que vamos narrar.

N'um dos domingos do verão passado, ás horas em que na Avenida tocava a banda da munici-

pal, dirigida pelo sr. Gaspar, junto do bazar que alli abrira a associação das Créches, um sugeito gordo e macillento, de physionomia suave e ao mesmo tempo um quasi nada amarga, como uma travessa de arroz doce feito com a sua casquinha de limão, dando o braço a uma senhora magra e alta, ossuda, chata e espalmada, cujo sexo se differençava apenas á primeira vista, por usar saias e trazer brincos nas orelhas, parava no fim d'um dos talhões da Avenida, d'aquelle onde o velho Douro, um dos poucos sobreviventes do fallecido Passeio Publico, continua a despejar o seu eterno cantaro d'agua eternamente choca nos lagos esverdeados e mal cheirosos, e voltando irreverentemente as costas ao monumento dos Restauradores, agrupando em torno de si tres meninas baixas, do mesmo formato e da mesma encadernação, como tres volumes da mesma obra, edição barata, e um rapaz alto vestido de flanella azul, muito comprido, muito magro, como se andasse estudando para tisico e estivesse já para defender these, o homem gordo e macillento erguendo a bengala para o céu azul e apontando para o espaço, que os metaes da banda do sr. Gaspar enchiam de notas estridentes e marciaes, dizia:

— Olhe, sr. Apparigio, foi alli que a Chica nasceu.

— Onde, papá, onde? perguntou ávida de curiosidade por conhecer o local do seu berço, uma das meninas, a tal Chica, seguindo com os seus olhos pequenos e semi cerrados de myope, a direcção da bengala paternal.

— Alli, alli, confirmava o pae continuando a apontar para o espaço.

— Não vejo nada, sr. Pereira, disse, desanimado, lá de cima de si proprio, o rapaz magro e a quem o sr. Pereira chamára Apparigio.

— Alli por cima do coreto, explicou o sr. Pereira.

— Por cima do coreto! disse a Chica admirada.

E depois accrescentou logo, approveitando a occasião de ter graça, de fazer um bom dito...

— Então eu nasci no ar?... Mas visto isso não me devia chamar Chica, devia-me chamar Maria Joanna...

— Maria Joanna? perguntou o pae muito admirado.

— Deixa lá, é ella que vem com alguma das suas, observou bondosamente a mãe, a senhora alta e espalmada, que dava o braço ao sr. Pereira.

E o sr. Apparigio debruçou-se da sua enorme altura para ouvir a tal «alguma das suas» da menina Chiquinha.

— Decerto, explicou então ella vendo que o seu publico estava a postos, porque nascendo eu alli sou filha do ar, e a filha do ar chama-se Maria Joanna.

O dito não fez muito effeito.

O Apparigio teve o riso amarello, amavel, de quem não percebera nada: o sr. Pereira olhou para sua esposa a ver se ella tinha achado graça, e apenas quem riu muito foram as outras duas meninas, as manas.

O publico não era bastante illustrado para perceber a graça do dito.

— A Maria Joanna? interrugou por fim a mãe, querendo salvar a Chiquinha do seu fiasco.

— Sim, não se lembra d'aquella peça que nós vimos ha tres annos na rua dos Condes, no dia dos annos do papá? A comica que fazia de filha do ar, chamava-se Maria Joanna...

— Ah! é boa! tem muita graça! disse sem convicção o sr. Apparigio.

— Ora do que ella se foi lembrar, esta rapariga sempre tem idéas! observou a mãe rindo muito, e sempre muito bondosamente.

O sr. Pereira, não rio: depois da explicação ficara na mesma, como era desde pequeno o seu costume depois de todas as explicações, — desde as de mathematica, até ás que em Pedroiços dera a um major de cavallaria que se julgára offendido por elle, — e para mudar de assumpto, continuou no mesmo, repetindo, erguendo outra vez a bengala;

— Pois foi alli mesmo que tu nasceste, lá em cima, n'um quarto ao pé da cosinha, lembras-te Ignacia?

— Se me lembro! respondeu sua esposa, erguendo tambem a sombrinha pararella á bengala do sr. Pereira. Foi por cima do bumbo!

— Não, não, continuou o sr. Pereira, por cima do bumbo era o quarto da Dona Ephigenia... foi mais para cá... foi por cima do cornetim...

— Não foi tal, foi por cima do bumbo, insistiu a Dona Ignacia.

E marido e mulher começaram a questionar, de bengala e de chapéo de sol erguidos, por cima de qual instrumento nascera a sua primeira filha.

E a discussão ia-se azedando: nem um nem outro cedia: as filhas e o sr. Apparigio assistiam mudos á discussão importando-se muito pouco com o resultado d'ella: a gente que passava começava a reparar no caso, e a fazer roda.

Os dois belligerantes, na sanha da sua renhida lucta, não davam por isso, e continuavam adduzindo razões, qual d'ellas a mais poderosa, em em favor do seu cornetim, outro em pró do seu bumbo.

Essas razões, muito gritadas como se estivessem em casa, chegavam já a este grau d'intensidade logica:

— Tu não sabes o que dizes, és uma idiota.

— E tu um tolo, retroquia a esposa...

— Fui, fui tolo, em casar comtigo: uma mulher que é estupida e teimosa.

— Teimoso é você, eu teimo porque tenho razão... Por cima do bumbo é que era o meu quarto...

— Não era tal, era por cima do cornetim... Por cima do bumbo ficava o quarto da Dona Ephigenia.

— O' homem! não me faças perder a cabeça... Queres saber melhor do que eu onde era o quarto onde eu dei á luz as tres filhas que tenho...

— O que tem uma coisa com a outra? Ha muita gente que dá á luz filhas, isso não quer dizer que toda a gente dê á luz em cima dos bumbos!

— És um tolo, um tolo, e um tolo...

— Menina! reprehendeu o sr. Pereira, reparando então que estava já muita gente parada a ouvir o que elles diziam, olha que nos pódem ouvir...

— O que tem isso? Se não te conhecem, é indifferente, se te conhecem, ficam sabendo o que já sabiam — que és tolo... isso não é novidade para ninguem!

As filhas entenderam que era occasião de deitar agua na fervura, e a Chiquinha pediu ao sr. Apparigio para intervir, que estavam dando já pratinho aos transeuntes.

O sr. Apparigio interveiu muito urbanamente: Olhe sr. Pereira, o melhor é irmos ver ao pé!

— Tem razão, vamos lá! accrescentou promptamente o sr. Pereira, com o ar tranquillo de quem tem seguro o triumpho.

E o grupo dirigiu-se para o outro talhão da Avenida.

As meninas foram puchando os paes para junto do bazar...

Os paes deixaram-se ir remoendo silenciosamente insultos recebidos, e quasi que sem ter consciencia de para onde iam...

Mas de repente uma voz muito conhecida fez accordar o bom do Pereira!

— O' seu Pereira, ande cá com as meninas! dizia essa voz, partindo da barraca das creches.

— Oh! com mil demonios! O meu chefe! exclamou o sr. Pereira.

E aterrado, puchando, arrastando sua esposa, bradou:

— Fujam! Fujam!...

Mas era já tarde.

Quando iam a voltar as costas ao bazar, esbarraram com o proprietario da voz que chamara «ó seu Pereira.»

— Então o que é isso? vae a fugir? disse esse proprietario muito risonho, deitando a mão ao braço do Pereira.

— Hein? O sr. conselheiro! Por aqui? Oh! estava bem longe de esperar este prazer! disse com um riso côr d'oca, o sr. Pereira, sentindo um suor frio a inundar-lhe o corpo todo e a bolsa do dinheiro.

— Apresente-me a suas filhas... e a sua senhora...

— Pois não! com todo o gosto!

E tomando *pose* de homem distincto disse:

— Minha esposa, minhas filhas, o sr. dr. Apparigio... bacharel em direito e distinctissimo advogado... O sr. conselheiro Maldonado meu respeitavel e illustre chefe.

— Tenho muito prazer em as conhecer minhas senhoras, cavalheiro, disse o conselheiro apertando as innumeras mãos que se lhe estendiam.

— E agora que já estamos apresentados, continuou o conselheiro, venham cá, venham cá comprar umas sortes a mim e a minha mulher...

— Pois não: com todo o gosto! respondeu a sr.ª D. Ignacia, era para isso que nós vinhamos para aqui.

— Exactamente, exactamente, era para isso mesmo, confirmou, esverdeado, o sr. Pereira.

E todos seis encaminharam-se para o Bazar.

(Continúa) *Gervasio Lobato.*

RESENHA NOTICIOSA

Academia Real das Sciencias. Reuniu no dia 3 do corrente a assembléa geral da Academia, occupando a presidencia o vice-presidente sr. Jayme Moniz. Estiveram presentes os srs. Pinheiro Chagas, João Bastos, Nery Delgado, José Horta, Frederico Oom, Bulhão Pato, Thomaz de Carvalho, Francisco Horta, Souza Amado, Gaspar Gomes, Vilhena Barbosa, Schiappa Monteiro, Silveira da Motta, Vasconcellos Abreu, Gama Barros, Emilio Dias, Brito Aranha, Eduardo de Abreu, Pina Vidal. Foi lida uma carta, em latim, do reitor da universidade de Bolonha convidando a Academia a fazer-se representar na sessão solemne do centenario da mesma universidade. O sr. Jayme Moniz congratulou-se com a Academia pela presença dos srs. Pinheiro Chagas, Vilhena Barbosa e Thomaz de Carvalho, dignos socios a quem a doença afastou por algum tempo dos trabalhos academicos. A assembléa acompanhou a presidencia n'esta manifestação de sympathia, que os referidos srs. agradeceram. Foi descutido o relatorio do sr. Latino Coelho acerca do diccionario da lingua portugueza, sendo votadas as conclusões do referido relatorio, á excepção da primeira que se referia á eleição de uma commissão para examinar o trabalho já feito pelo sr. Latino Coelho. Ficou eleito por unanimidade para segundo director do diccionario o sr. Silveira da Motta.

Conferencia acerca de Portugal. O nosso compatriota e talentoso professor da Escola Polytechnica sr. José Julio Rodrigues, realisou no dia 3 do corrente, na Sociedade de Geographia de Antuerpia, uma conferencia ácerca de Portugal. Esta conferencia teve as honras de sessão solemne, e o conferente foi muito applaudido pelo numeroso auditorio que assistiu á sessão.

Missa pelas melhoras de El-Rei. Celebrou-se no dia 5 do corrente, na sala do Risco do Arsenal de Marinha, uma missa em acção de graças pelas melhoras de El-Rei D. Luiz, mandada dizer pelo sr. conselheiro d'Andrade Pinto, commandante geral da armada. Para aquelle fim foi convenientemente decorada a Sala do Risco, com tropheus e bandeiras produzindo um bello effeito. Assistiram a este acto Sua Magestade a Rainha, Suas Altezas os Duques de Bragança, infante D. Affonso, Patriarcha, o ministerio, deputações das duas casas do parlamento, officialidade da armada, contingentes dos navios de guerra surtos no Tejo, pessoal das escolas praticas de artilheria naval e dos alumnos marinheiros, companhia de guardas marinhas, que fez a guarda de honra a Sua Magestade a Rainha e grande numero de convidados. Foi celebrante o capelão da armada rev. Aguilar acolitado por outros capellães. Durante a missa tocou a charanga dos marinheiros, e ao *Levantar a Deus* salvou a corveta *Bartholomeu Dias* que se achava fundeada proximo do arsenal. Foi uma ceremonia imponente.

A Opera «D. Branca.» Esta opera do maestro portuguez Alfredo Keil vae ser cantada no theatro de Bruxellas. Alfredo Keil partiu para França a tratar da traducção do libreto em francez. A *D. Branca* será tambem cantada, no proximo anno, no Rio de Janeiro.

Busto de Emilia das Neves. O esculptor portuense sr. Soares dos Reis já concluiu o busto em marmore da celebre actriz portugueza Emilia das Neves, que lhe fôra encommendado á tempos pelo sr. Luiz da Camara Leme. Este busto é destinado ao salão de entrada do theatro de D. Maria II, onde a grande actriz teve as suas noites de maior gloria.

Morte de um pintor em Duello. O pintor francez Felix Dupuis bateu-se em duello com o jornalista Habert, em consequencia de uma critica pouco agradavel que este fizera a um quadro de Dupuis. A escolha das armas foi a pistola a vinte e cinco passos de distancia, e a sorte foi tão adversa a Dupuis que ficou morto no campo, tendo a balla do seu contendor atravessado-lhe os intestinos, onde produziu um immediato derramamento. Este duello produziu em Paris uma profunda sensação pelo motivo insignificante que o provocou.

Emmensite. É este o nome de uma nova substancia explosiva descoberta pelo dr. Emmens. A *emmensite* pode-se fundir em qualquer fórma, e produz tambem uma chamma brilhante, sem fumo, que póde tomar a côr que se quizer. A sua força explosiva é superior á do nitro-glycerina.

O «Salon» de Paris. Abriu no dia 1 do cor-

rente a exposição do *Salon* em Paris. Na vespera fôra a *vernissage* para a qual a entrada é por convites feitos pelo ministerio de Bellas-Artes, o qual este anno expediu 60:000 cartões que foram quasi todos aproveitados. Por isto se póde ajuizar da grande concorrencia que affluiu ao *Salon*, onde se reuniu a melhor sociedade parisiense. O numero de quadros que figuram n'esta exposição eleva-se a 2:586; o de gravuras, esculpturas, porcellanas, medalhas e projectos de architectura é de 1:058; desenhos e pasteis 1.119. Entre os quadros avulta grande numero de retratos, cerca de 500, nos quaes ha alguns muito notaveis, como o do presidente Carnot, cardeal Lavigerieux, Ferry, Boulanger, que conserva grande ajuntamento na sua frente. Vê-se, tambem, coberto de crepes, o retrato do pintor Dupuis morto em duello. Nota-se na exposição a falta de um quadro de sensação que se destaque da generalidade, e os criticos já dizem que a exposição d'este anno é inferior á do anno passado. A esculptura sustenta-se bem, notam-se algumas obras de verdadeiro merecimento. A respeito do quadro, que o nosso compatriota Souza Pinto tem no *Salon*, o critico do *Figaro*, Alberto Wolff, chama-lhe agradavel, o que não deixa de ser significativo no meio do rigor com que este critico trata a maior parte das obras expostas.

MONUMENTO NA PRAIA DE VILLA DO CONDE

(Segundo uma photographia do photographo amador sr. Claro Outeiro)

QUADRO DA INDEPENDENCIA DO BRAZIL. O pintor brazileiro sr. Pedro Americo, que tem estado em Florença, concluiu um quadro commemorativo da independencia do Brazil. Esta obra d'arte foi exposta solemnemente ao publico, em uma das salas da Academia Real de Bellas-Artes de Florença, inaugurando-se a exposição com a assistencia de Suas Magestades os imperadores e imperatriz do Brazil, rainha da Servia, rainha de Inglaterra, principe D. Pedro, a princeza Beatriz o duque Leuchtenberg, e altos funccionarios de Florença, etc. O author do quadro agradeceu em francez a presença dos monarchas e principes que se dignaram honrar aquella solemnidade, proferindo depois um pequeno discurso em Portuguez dirigido a Sua Magestade o imperador do Brazil. Com respeito ao valor do quadro nada podemos dizer, porque nada nos diz tambem o jornal italiano d'onde extrahimos esta noticia.

UMA NOVA ARMA DE GUERRA. Mais uma nova arma acaba de ser inventada e concluida nos arsenaes de Inglaterra. É uma espingarda um pouco maior que as que se usam e por isso mais pesada do que estas, sendo preciso apoial-a sobre um cavalete para fazer fogo. A sua vantagem consiste em desparar 600 tiros por minuto, podendo assim algumas armas d'estas fazer o fogo que só muitas centenas de soldados podem ferir em igual tempo. Por este andar ainda esperamos chegar á perfeição de se fazer guerra sem homens!

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Paris, *impressões de viagem*, por Guiomar Torrezão, Eduardo da Costa Santos, editor, Porto 1888. A auctora descreve a sua viagem em Paris nas 433 paginas d'este livro, que se lê sem enfado, escripto ligeiramente, com certa elegancia, e onde se encontram notas interessantes sobre algumas salas de Paris, que a sr.ª D. Guiomar Torrezão frequentou, e que descreve vivamente, com muito colorido, fazendo destacar aqui e acolá um ou outro personagem mais importante, mais caracteristico ou mais excepcional do viver da grande capital do mundo. No nosso pequeno meio litterario de ha muito que não apparece um livro tão palpitante, em que a sociedade parisiense que pensa, que cultiva as letras, as artes, o *sport* passa diante de nós nas suas quatrocentas paginas, animada com essa vida de espirito, que se enthusiasma tanto na presença d'um quadro de Millet como diante de uma scena de Sarah Bernhardt, que discute o ultimo livro de Dondé com um calor com que em Lisboa se não discute a reforma da *Carta*, que vive para a arte, como nós não vivemos para a gloria. É este Paris intellectual que forneceu á auctora assumpto para o seu livro, que encheu a sua carteira de apontamentos, de impressões e são esses apontamentos, essas impressões que despreocupadamente lançou ao papel e formou um volume, que se não é um primor litterario, tem todos os atrativos da curiosidade que desperta o leitor.

Exposição dos trabalhos escolares *approvados no anno lectivo de 1886-1887, na Escola de Bellas Artes de Lisboa—provas do concurso dos candidatos approvados para pensionistas do estado em paizes estrangeiros no anno lectivo de 1887 a 1888*. Um folheto de 20 pag. firmado pelo professor encarregado da exposição dos trabalhos sr. Antonio José Nunes Junior. Os alumnos approvados foram: no primeiro anno do curso geral de desenho, 34; no segundo anno 6; no terceiro anno, 6; no quarto anno, 4; no curso de architectura civil, primeiro anno, 3; no segundo anno, 1; no curso de pintura historica, segundo anno, 2; no quarto anno, 1; no curso de pintura de paizagem, primeiro anno, 1; no segundo anno, 4; no terceiro anno, 1; no curso de esculptura estatuaria, segundo anno, 1; no curso nocturno, modelação de ornato com applicação á decoração architectonica e ás artes industriaes, 4; ao concurso ao premio *Annunciação* concorreram dois alumnos, sendo o premio conferido ao sr. Arthur Napoleão Vieira de Mello; no concurso para pensionistas do estado em paizes estrangeiros, foi approvado, em architectura, o sr. Arnaldo Redondo Adães Bermudes, e em pintura historica o sr. José Velloso y Salgado.

O Instituto. *Revista Scientifica e litteraria.* Coimbra, vol. XXXV segunda serie n.os 8 e 9 correspondente a Fevereiro e Março do corrente anno. São sempre interessantissimos os escriptos publicados no *Instituto* quer sobre o ponto de vista litterario quer sobre o ponto de vista scientifico. O summario dos dois numeros de que accusamos a recepção é o seguinte com respeito a n.º 8: Antonio dos Santos Pereira Jardim, por Assis Teixeira; Oração de Sapiencia, pelo dr. Antonio dos Santos Pereira Jardim; A religião christã e a philosophia, por G. de A.; Albino Augusto Giraldes, por F. P.; o Darwinismo (trechos de uma conferencia), pelo dr. Albino Augusto Giraldes; Projectos do relatorio e plano de reforma da faculdade de medicina; Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão; por F. P.; Dr. Antonio José das Neves e Mello (bosquejo biographico), e Apontamentos sobre o cardeal de Alpedrinha (fragmentos), por Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão; Catalogo dos objectos existentes no museu de archeologia do Instituto de Coimbra, por J. C. A. de C. O summario no n.º 9 é: O feudalismo, por Joaquim Maria Rodrigues de Brito: Catalogue des coleoptires du Portugal, par M. Paulino d'Oliveira; Molluscos marinhos do Algarve, por Augusto Nobre; Fungi—in insula S. Thomé lecti a cl A. Moller, par dr. G. Winter; Canto secular (de Horacio), versão livre do latim, por José Ramos Coelho; Coimbre—Inez de Castro et la Fontaine des Amours, par H. Faure; Arenga de Manuel Mico (fragmento), pelo dr. Albino Augusto Giraldes; O monumento de Mafra (ácerca dos pára-raios), por J. C. Gomes; Boletins bibliographicos, por F. P.

TYP. CASTRO IRMÃO — Rua do Marechal Saldanha 31 — Lisboa